



a guerra

Estevão Azevedo*

* Estevão Azevedo nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, e vive na cidade de São Paulo. Formado em jornalismo e letras, é editor e escritor. Publicou seus primeiros livros, *O terceiro dia* (2004) e *O som do nada acontecendo* (2005), ambos de contos, pelo coletivo Edições K, que reuniu autores de diversas cidades do país. Seu primeiro romance, *Nunca o nome do menino* (Terceiro Nome, 2008), foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2009. Tem contos publicados em revistas e na antologia de escritores brasileiros *Popcorn unterm Zuckerhut – Junge brasilianische Literatur*, lançada em 2013 na Alemanha. Em 2014, publicou romance *Tempo de espalhar pedras*, pela Cosac Naify. Contato: estevao.a@gmail.com

Quando, ao Sul do monte, um sem fim de cornetas entoou um cântico de guerra e, ao Norte, infinitos tambores responderam em compassada algazarra, quando isso aconteceu diz-se que o caminhar ritmado das tropas fez tremer o esqueleto da terra. Ao Sul, as lâminas eram tão afiadas que partiam o vento em dois; ao Norte um canário distraído pousou numa espada e caiu dividido ao meio. O cume do monte, vasto como o nariz do general Machado, do Sul, liso como a careca do general Forca, do Norte, aguardava impassível o encontro dos dois exércitos, e de medo nenhuma pedra se escondeu ou raiz se enterrou. Mas como o céu estava claro e límpido, é fato que pelo menos algumas nuvens tinham fugido.

– Avante, homens, pela nação! – bradou o general Machado, e sendo o barulho enorme e os soldados muitos, a mensagem teve de ser passada de ouvido em ouvido,

o que retardou um pouco a marcha. No Norte, como convinha a um inimigo, o general Força, sem saber a estratégia adversária, conclamava suas tropas a lutarem bravamente gritando "Força, bravos, pela pátria!".

Claro que, antes dos exércitos marcharem, houve um longo período de negociações. Nesse tempo, se o Norte, buscando a saída pacífica, cedia em algum ponto de suas reivindicações, o Sul, satisfeito, imediatamente excedia o acordado. Diante disso, o Norte não podia ficar calado e fazia ameaças, ao passo que o Sul, também pacifista, voltava atrás, e o Norte aproveitava para tentar abocanhar um pouco mais do que deveria. O Sul, cioso que era de sua soberania, rompia o acordo e a tensão novamente se instalava. Isso durou gerações e gerações. Foi mote para as mais diversas lendas. Uma dizia que, num passado tão antigo quanto o passado, os dois povos surgiram de um só povo, e que eram, portanto, irmãos de sangue. Outra, para as mocinhas, contava a história de um jovem do Sul que se apaixonara por uma moça do Norte, cujo estratagema de amor fracassava e terminava com ambos mortos, suicidados com veneno.

O conflito é antigo. Os sacerdotes do Norte pregam em seus sermões que um dia, no tempo em que os deuses ainda viviam na terra, uma ofensa foi proferida e uma traição fora armada, e que desde então o Norte é inimigo do Sul até que esse se retrate. O conteúdo da ofensa e da traição foi se perpetuando de pais para filhos, século após século, mas quis o destino que, graças a um pai mais interessado em tavernas que em contar histórias de traição, a verdade se perdesse. Mas a ofensa ainda dói, de modo que a vingança se justifica. Um conselho de sábios se reuniu há setecentos anos para discutir o verdadeiro teor da ofensa, a partir do qual o Norte possa pedir a reparação devida, em ouro ou em vidas. Até hoje os filhos dos filhos dos filhos dos filhos dos primeiros assembleístas se reúnem diariamente no congresso, e alguns agitadores dizem que se eles fossem para a guerra em vez de ficar conversando, talvez o conflito terminasse e o conteúdo da ofensa original nem mais importasse.

Mas não diga numa mesa de bar do Sul que um dia houve uma ofensa. Corre o risco de ficar sem pescoço antes de terminar a frase. A Enciclopédia Ilustrada do Sul registra um verbete que ocupa quarenta e oito páginas dedicadas ao Norte. Dizem os historiadores: "as mais diversas evidências científicas e históricas comprovam que o Norte é visivelmente uma manifestação do mal disfarçada de seres humanos. Eles falam a nossa língua de maneira diferente e, para coisas que aprendemos a designar de uma forma, eles usam outra palavra". A luta do Sul é sagrada, libertará o mundo do mal.

De ouvido em ouvido, as palavras do general Machado chegaram ao último soldado da última companhia do último regimento. O enorme organismo vivo que era o pelotão se arrastando pela colina pôde enfim prosseguir sua marcha. O exército do Norte, nesse mesmo momento, deixara de avançar por um instante, para que o retratista oficial do reino, planando a léguas dali num balão, pintasse o momento em que os milhões de homens da nação partiram para a vitória. Findo o retrato, o general Força levantou a espada e apontou-a para a grande nuvem de poeira, visível do outro lado do cume do monte, e onde marchava o exército inimigo.

Os passos aceleravam, os cavalos eram açoitados e as duas grandes colunas de homens e espadas, carne e metal, se aproximavam rapidamente. O estrondo dos passos e os gritos de guerra foram ouvidos em terras distantes. Espadas em punho, as lanças apontando, os machados erguidos, os tambores rufando, as cornetas entoando, os dentes rangendo, as bocas rosando, o inimigo se aproximando, o Sul desejando sangue, o Norte, vísceras, o espaço entre eles rareando, o inimigo se aproximando, a adrenalina subindo, o músculo retesando, e, quando o golpe já era inevitável, as primeiras fileiras dos dois exércitos paradas, frente a frente. Separadas. Por metros. Apenas se olhando. Imóveis. As fileiras de trás demoraram a parar, a última fileira chocou-se com a penúltima e assim por diante até que a primeira foi empurrada e os homens se estatelaram

no chão, com armas, escudos e cavalos. Agora quem se quedava paralisada encarando-se era a segunda fileira de cada exército. Olhares indecisos de ambos os lados viam botas pretas, até a altura dos joelhos, calças e camisas azuis, com o símbolo do Norte ou do Sul bordado pequenino nas mangas e chapéus pretos.

Tinham os dois exércitos o mesmo uniforme.

Após alguns minutos de um silêncio constrangido em que, por pouco, na ausência de assunto, um soldado sulista não comentou com um nortista, logo em frente, sobre o céu sem nuvens e sobre as possibilidades de chuva, o general Machado ordenou a retirada das tropas do Sul e o general Forca, sem nunca admitir que não fora ideia sua, repetiu a ordem aos seus comandados do Norte. Os exércitos, como tartarugas gigantes, viraram-se e começaram a marchar para seus acampamentos no pé do monte. Um mensageiro de cada nação já corria à frente, veloz no cavalo, para conclamar as altas cúpulas de cada Estado a reunir-se e decidir o que fazer. Como podiam lutar com uniformes iguais? Era a pergunta que não saía da cabeça de cada soldado. De cada soldado que não pensava na esposa, nos filhos, num filé, na corrida de cavalos, no valor do soldo, no jogo de dados ou no céu sem nuvens e sobre as possibilidades de chuva.

O Alto Conselho do Norte reuniu-se no acampamento. Lá estavam o Imperador, o ministro de Finanças, o general Forca, o ministro das Relações Exteriores e até o pintor, já que o debate afetava diretamente a sua pasta. O general Forca fizera um relato do acontecido para os presentes. O Imperador e o pintor traziam no rosto os sinais do aborrecimento que tal imprevisto lhes traria. O ministro das Finanças, o das Relações Exteriores e o general Forca estavam visivelmente excitados. Tomou a palavra o general.

– Senhores, não devemos deixar a guerra ser atrapalhada por questões tão banais quanto essa. Ora, se os uniformes são os mesmos, se não poderemos diferenciar

quem é quem, convençionemos: o inimigo será sempre aquele que estiver à frente do soldado, já que nós iremos para o Sul, e eles virão em direção contrária. Explico melhor: digamos que um soldado nosso, em combate de espadas com um inimigo, defenda-se com o escudo de um golpe de tal força que o faça girar sobre os calcanhares e ele termine por ficar de frente para o nosso exército. Ora, a partir de agora ele é um sulista, e deve ser combatido. Se esse mesmo soldado, por descuido, distrai-se e vira-se para o outro lado, o que ele vê? Sulistas querendo seu sangue. Agora, portanto, ele é de novo um dos nossos. Que importa quem é de que exército, diante do clamor da luta? O sangue banhará o monte e no final, de acordo com quem sobreviver, saberemos quem ganhou a guerra! Pois eu defendo o ataque imediato.

No Sul a conversa tomava rumo parecido. O ministro das Finanças, falando logo após o general Machado, defendeu o desvio das verbas militares para a fomentação da indústria têxtil do país. Isso, dizia o ministro, possibilitaria, depois de uns anos, projetar uniformes muitos mais modernos e impossíveis de serem copiados pelos plagiadores do Norte. Ao ouvir tal proposta o general Machado esteve a ponto de pular da cadeira.

No Norte, o debate prosseguia com o pintor, que, por precaução, dava dois passos para trás, para ficar distante da lâmina do general Forca.

– Eu, como pintor oficial e consagrado do reino, não admito a hipótese de ter que mudar o retrato oficial das tropas. Essa pintura, recém-terminada, já está sendo considerada minha obra-prima. Mas, se os dois exércitos tiverem o mesmo uniforme, algum caluniador poderá dizer um dia que esse, na verdade, é o retrato das tropas do Sul, o que me deixaria deveras aborrecido. Além disso, quando os jornais colocarem o retrato, na primeira página, de um soldado morto, como saberá o leitor se deve ficar com os olhos cheios d’água pela morte de um dos seus ou vibrar com o assassinato de um inimigo? Defendo que obriguemos o Sul a trocar de cor.

opiniões

O Ministro de Relações Exteriores do Sul acrescentou suas ideias à do Ministro de Finanças. Sim, era uma ótima ideia desenvolver um novo uniforme. Mas e se, após anos de pesquisa, o resultado fosse uma farda militar moderna e perfeita, mas novamente idêntica à da tropa do Norte? Creio que o meu Ministério deveria se empenhar em, antes de tudo, diplomaticamente estabelecer com o Norte qual dos dois exércitos mudará de cor, para que então comecemos as pesquisas.

O general Machado não se conteve:

– Se alguém há de trocar de uniforme, que seja o Norte! – ninguém ousou contestar e o primeiro diplomata partiu em disparada rumo ao inimigo para comunicar a decisão.

Claro que essa ideia não soou nada bem aos ouvidos nortistas, que exigiram, em nome do bom senso, que o Sul trocasse de cor, já que, de acordo com a corrente estética em voga no Norte, o uniforme do Sul era de um mau gosto que assustaria até um soldado inimigo. O Sul enervou-se, mas privilegiando sempre a nobre causa da guerra, sugeriu que os dois uniformes fossem trocados, para que não houvesse concessões de nenhuma parte.

Quatro estações mais tarde, o último rabisco foi feito. Com o cavalo avançando depressa pelas paisagens que separavam as duas nações, o diplomata do Norte pôde deter-se mais tranquilamente nas cores que inundavam os arredores. Pinheiros verdes e marrons, uma pedra cinza, o céu azul e branco e uma rara flor amarelo-triste, destacando-se menos por mérito que por falta do que ver. Em suas costas, levava a proposta que finalmente colocaria fim ao conflito e possibilitaria a guerra. Nunca antes a diplomacia havia trabalhado tanto a favor da guerra como nessa disputa entre o Norte e o Sul, o que deixava ambos os países orgulhosos e cientes da importância do diálogo. A proposta consistia de diversos desenhos, feitos pelos mais importantes estilistas do Norte, com sugestões de novos modelos de uniformes para os dois exércitos.

– Seja bem vindo, senhor diplomata do norte – disse o diplomata sulista, com um sorriso de repartição pública.

– É uma honra servir a causa tão nobre para as nossas nações. Que os esforços aqui feitos resultem num objetivo único e comum entre nossos povos e que a causa da guerra saia fortalecida.

– Que suas palavras sejam ouvidas. Comecemos.

Quando o diplomata desamarrava os nós, abria a mochila e retirava os croquis, os estilistas do Sul, acompanhados de militares de alta patente, do pintor e da ilustre mãe do general Machado, que não perdia uma liquidação ou desfile, todos eles olhavam ansiosos tentando identificar, antes mesmo que fossem exibidos, o corte das roupas, os tecidos, as cores da moda, um toque futurista, um acessório casual.

Um diplomata é um diplomata, um general é um general. E mãe, mesmo de general, é sempre mãe, igual a mãe de qualquer diplomata. Por isso, no momento em que a coleção moda-guerra que o Norte oferecia para o Sul desfilava na sala, três frases foram ouvidas, não nessa ordem:

– Calma, meu filho, calma, eu posso fazer uns retoquezinhos na minha máquina de costura! – gritou uma voz feminina deveras coruja.

– Hum, eu diria, respeitosamente, é claro... que... algo... não... me agrada... – posicionou-se um deles.

– Diplomata maldito cortareiseu pescoço! – espumou um dos espectadores enquanto deslizava a espada para fora da bainha.

O diplomata do Norte, fugindo da espada do general Machado, escondeu-se atrás de um manequim vestido com o uniforme que ele mesmo trouxera. Com sua cabeça exatamente atrás da gola do uniforme, era

possível entrever como ficaria um soldado, com aquelas peças, no campo de batalha. As botas tinham uma grossa camada de chumbo e pesavam mais do que a consciência de um pároco jovem. A calça era de um amarelo que iluminaria a mais escura trincheira. O casaco, azul claro, trazia bordado nas costas e no peito diversos círculos vermelhos concêntricos, que os sulistas disseram ser tendência da moda nos países mais avançados, mas que os nortistas, brancos que eram, entenderam mesmo como sendo um alvo. As mangas, compridas, não tinham furos nas pontas. “Protege melhor do frio a mão de nossos irmãos sulistas!”, gritava o diplomata do Norte, esquivando-se dos golpes do general, cujas mangas tinham furos, através dos quais segurava a espada.

De longe, num trote tranquilo, sem chicotadas, um cavalo chegava aos portões do acampamento do Norte carregando um grande pacote em seu lombo. O general Forca, em seu aposento, lia poesia na cama, sob um grande retrato de Aquiles, quando tímidas batidas interromperam-no.

– Sim?

– General, acaba de chegar um pacote para o senhor.

De roupão camuflado e chinelos, o general caminhou até a portaria. O grande pacote estava estirado no chão, e trazia uma etiqueta com o seu nome. Retirou o lacre, desfez o embrulho, e ali estava o corpo do diplomata, vestido com o uniforme que fora levar.

– Santo Ares! – deixou escapar o general, e um soldado raso ambicioso, vendo o susto do chefe com a cena, acrescentou solidário:

– Realmente, senhor, de muito mau gosto essa roupa!

E zapt rolava na poeira uma cabeça, cujo corpo, que desabava, vestia um uniforme um pouco menos ridículo

que o do diplomata. O general, guardando a espada dentro do roupão, voltou ao seu aposento.

Fracassada a tentativa do Norte de propor um novo uniforme para o Sul, era a vez do Sul tentar achar uma saída para o impasse. Nos dois anos seguintes, o governo do Sul colocou todas as suas melhores cabeças para bolar um plano. Reuniram-se cientistas, filósofos, poetas, pintores, modelos e apresentadores de televisão. O debate foi tanto que a liberdade de expressão e o humanismo saíram fortalecidos. Uma passeata de milhões pelas ruas da capital do Sul defendeu que cada soldado deveria vestir o uniforme que quisesse, que nenhuma minoria deveria ser obrigada a usar a cor imposta pelo governo. O movimento de soldados religiosos orava e reivindicava o direito de vestir um casaco estampado com figuras santas. Os cabos da infantaria mais bem sucedidos na vida profissional defendiam uniformes com frases de incentivo e de bons augúrios, que fariam o universo conspirar a seu favor, como “o pensamento positivo pode matar o soldado inimigo”, “concentre-se nas boas energias (mas não se esqueça da espada)” ou “se você tomar uma machadada na cabeça, pense que você está prestes a se tornar poeira cósmica!”.

Dois anos depois, o Sul já tinha a sua solução. O Ministro das Finanças, portador da proposta, foi recebido no Palácio do Norte com grandes honras. Ostentava uma respeitável barba, que se emaranhava aos primeiros botões do paletó. O general Forca, com a mão no cabo da espada, pronto a degolar o visitante ao menor sinal de uniforme com plumas, paetês ou rendas, estranhou a ausência de uma sacola ou qualquer espécie de embrulho nas mãos do Ministro. Onde estaria o novo uniforme? O Ministro sentou-se:

– Nobres amigos, sem mais delongas, tenho o prazer de anunciar que encontramos a solução.

– Pois a minha espada mal pode esperar para ouvi-la, caro amigo – polidamente interveio o general.

opiniões

– Acalma teus ímpetos, ó belicoso colega. A ti, mais que a ninguém, interessará o que direi.

– Pois diga, antes que eu te arranque alguns desses longos fios que ostenta na face.

– Não o faça, eu te rogo. Pois é justamente de minha barba que estou aqui para te falar. Que fique claro: primeiro, num infantil instinto de vingança, pensamos nós em retribuir o desprezo com que nos presenteastes anos atrás, nos enviando um uniforme realmente detestável. Em seguida, nosso Imperador, como bom administrador que é, sugeriu um combate organizado, em que o uniforme não fizesse diferença. Com os dois exércitos postados um diante do outro, um soldado do Sul daria um passo a frente, seguido por um soldado do Norte. Os dois valentes lutariam até que um deles morresse, e o vencedor daria um passo para o lado. Então outros dois combatentes lutariam, até que um deles gritasse o último ai. O vencedor se colocaria também de lado. E assim seguiríamos até que o último homem do Sul enfrentasse o último homem do Norte. Quando a última espada fosse untada de viscoso sangue, mediríamos o tamanho das duas filas de vencedores, a do Sul e a do Norte. A que tivesse mais homens, daria ao seu povo a vitória na guerra.

– Magnífico – bradou o general – imagino estádios onde as pessoas assistam às contendidas e...

– Sim, sim. Mas nosso sábio Imperador quer ver essa guerra vencida enquanto ainda tem forças para andar, não deseja deixar o triunfo para seu sucessor, e por isso desistiu de tal ideia. Demoraria anos e anos até que nossos milhões de soldados lutassem. Além disso, poderiam, no final, quando não houvesse mais soldados, exigir que lutassem os generais! Ou até mesmo o Imperador!

– Hum, pensando melhor, péssima ideia. Diz-me logo, então, o que pensas!

– Vês que trago longa barba? Assim lutaremos nós. Cada qual com o famoso uniforme, idênticos uns aos outros, mas nós ostentando uma poderosa barba, vocês imberbes como jovens. O que pensas? – e coçou os pelos, ansioso, o Ministro.

O general não respondia. Mirava fixo a barba do inimigo, a mão acariciando a espada, ponderando entre cortar sua cabeça ou pensar no que dizia. Imaginou uma horda de barbudos bárbaros, berrando, avançando contra as cidades e ele, o salvador, o maestro das tropas, eternamente lembrado como aquele que derrotara os invasores peludos!

O Ministro levantou-se num salto e correu para a porta, quando ouviu o general gritar esmurrando a mesa:

– Pois aceito! Quando começamos?

Refeito, o diplomata coçou a barba, agora com importância histórica, e respondeu:

– Pois amanhã o Rei comunicará a decisão aos seus súditos. Assim que as barbas estiverem fartas, iniciaremos os combates.

No Sul, o arauto real anunciava em todas as praças: "Aquele que cortar a barba será enviado às masmorras! Lâminas de barbear serão consideradas objeto de porte ilegal! Apenas as mulheres de destacada formosura estão isentas do decreto real e podem continuar cortando seus buços! Leis de incentivo serão criadas para os fabricantes de qualquer fortificante capilar! Que seja seguida a vontade do Rei!". No Norte, o mensageiro do Imperador espalhava os cartazes: "Por ordem do nosso supremo Imperador, todo cidadão do norte deverá ter a cútis lisa como um pêssego! Lembrem-se: não serão aceitas como desculpa supostas confusões entre pêssego e kiwi! Todo aquele ou aquela que portar pelos em excesso em locais do corpo que não a cara também poderão ser considerados agentes secretos inimigos! Louvem os desejos do Imperador!"

Um mês depois, porém, nas casas do Sul uma guerra inesperada começou. Um marceneiro, com a barba já a esconder sua boca, segurava numa das mãos uma enorme pata de galinha, quando a outra mão, involuntariamente, dirigiu-se à portentosa pelugem. Vendo pela terceira vez a indigesta cena repetir-se durante a refeição, sua mulher, com duas longas tranças loiras penduradas e uns poucos pontos pretos a despontar acima dos lábios, dessa vez indignou-se:

– Ora, seu porco barbudo! – e levou o menino e a menina pela mão para comer na cozinha.

Na mesma cidade, no lado oposto, um casal se divertia num beco demasiado escuro.

– Coloque sua mão... aqui... – sussurrou uma voz delicada.

Róc, róc, róc, róc, foi o barulho que se ouviu em resposta. Segundos depois, a voz feminina suspirava um ahhh e logo parava.

– O que foi? – perguntou a mulher.

Róc, róc, róc, róc, escutou o beco escuro. E em seguida um doce gemido, logo interrompido.

Róc, róc, róc, róc, róc.

– Seu nojento!! Tome um banho, pare de se coçar e depois me procure!! Seu... seu... peçonhento! – saiu gritando do beco uma donzela, enquanto arrumava o vestido. Encostado na parede, assistia perplexo um jovem cavalheiro. Róc, róc, róc, róc.

Época que sempre será lembrada com saudade. Entre os piolhos. Em todo o continente, começava a espalhar-se o chiste de que não havia mulheres sulistas, mas sim sulinas, numa sutil referência aos chafurdantes animais. Mesmo as hospedagens de beira de estrada que aceitavam que os cavalos dormissem com os donos no

quarto, quando viam bater à porta um barbudo do Sul, logo mostravam a placa: “Não há vagas”.

O general Machado, por já estar avançado na idade, tivera que recorrer a um caríssimo tratamento, financiado pelos cofres da nação, que consistia em raspar a cabeça dos escravos e unir um a um os fios de cabelo cortados à sua já comalida barba, para que não duvidassem de sua autoridade. Nos campos de treinamento, uma cena insólita tornava-se comum: um barbudo soldado manejava com habilidade a espada na mão direita, enquanto na esquerda segurava o escudo que o protegia dos golpes do inimigo fictício. De repente, o furioso beligerante arremessava longe o escudo, soltava um urro e continuava a lutar com a espada em uma mão, nada na outra. Ó, quanta coragem? Louvemos a valentia do forte que abre mão do escudo e parte para cima do oponente? Que seu grito de fúria seja lembrado e cantado pelos bardos? Não, nada disso. O que um épico não registraria é que, mais forte que o desejo de sangue, o que levou o soldado a gritar e livrar-se do escudo foi o inimigo invisível que caminhava pela sua barba e lhe picava o queixo, e que o obrigou a ter uma mão livre para poder se coçar. Resiste a tudo, o bravo: às mais cruéis torturas, à esposa de desfavorável feição, ao quente e pesado gibão, à sogra que é um cão, mas não resiste, queira ou não queira, a mais banal das coceiras.

Quando a população sublevou-se e as lâminas deslizaram sobre os rostos, foi ralo abaixo o plano do Sul.

O general Forca não era mais que uma estátua de bronze, numa praça central do Norte, quando uma cena, muito intrigante e demasiado mundana para chamar a atenção de qualquer um que ostentasse um título antes do nome, aconteceu num campo distante do cume do famoso monte. Uma camponesa, com um vestido a cobrir as canelas, caminhava entre pés de trigo que lhe chegavam à altura do pescoço. No meio da plantação, a quinze passos de distância, um desconhecido, de quem só era possível ver a cabeça, observava-a. A senhora,

opiniões

nascida e crescida em tempos de guerra, assim como as gerações que a antecederam, por prudência gritou por seu marido, que veio em seguida.

– O senhor, por favor, queira sair daí do meio para que possamos conversar – pediu o marido e caminhou para fora da plantação, segurando a esposa pela mão.

O desconhecido, sem esboçar resposta, seguiu os passos do camponês. Antes que saíssem por completo, continuou o aldeão:

– Pois quem é você, e o que quer?

E a cabeça, que deslizava por sobre o trigo, se dirigia, com rala barba e boca fechada, para o descampado. Quando os três avistaram-se por completo, a senhora disse “Ó céus!”, o marido disse “Ó céus!” e o homem disse “Grrrrrr!”. O que o desconhecido queria dizer ninguém nunca imaginaria. O que o marido queria dizer o desconhecido imaginaria e a mulher também, e ambos acertariam. Já o que a mulher queria dizer, bem, o marido nunca imaginaria, para o seu próprio bem, tinha mais com o que se preocupar no momento. Aconteceu que o desconhecido portava em sua mão direita uma reluzente espada, grande o suficiente para decepar um elefante, daí a estupefação do marido. Já o “Ó Céus!” da senhora deveu-se, tão somente, ao fato de que, além da espada na mão direita e uma rala barba, o forasteiro portava na mão esquerda nada, no peito coisa nenhuma, na perna esquerda nada se via, na outra pano algum, e no meio delas portava algo que era seu por natureza e estava completamente à mostra. Daí o choque da senhora, que o forasteiro, se não estivesse grunhindo, poderia diferenciar do choque do marido pelo modo como, na fala dela, o “ó” foi alto e o “céus” suave, quase um suspiro, e, na de seu marido, o “ó” foi leve e o “céus” grave, num tom desesperado.

O mais estranho foi que os três, após esse instante de análise, viraram-se e correram, o desconhecido para

lá, o casal para cá, mas a senhora, enquanto ia para cá, olhou duas vezes para lá e trouxe consigo para cá, sem que o marido soubesse, a imagem do homem nu correndo armado gravada na memória.

No Sul, alguns dias depois, uma jovem camponesa também recebeu a ameaçadora visita de um invasor sanguinário e nu, mas a moça temia que, se contasse para as autoridades, poderia sofrer represálias de quaisquer que fossem as forças que o misterioso pelado representasse. E com isso lá se iriam as chances de casar-se com ele.

Quem tem roupa vai à guerra. O uniforme asseado, liso como mármore, é obrigação, pois, além da beleza, serve para aumentar a autoestima das tropas. No Sul, ai do soldado que não cuidasse de sua farda como se fosse o seu terno de casamento. E o impasse das vestimentas continuava. O general Machado, morto há décadas, na derradeira ordem pediu que o Sul atacasse imediatamente. Antes que completasse a frase, seu futuro sucessor, querendo assumir o posto com alguns segundos de antecedência, tossiu nessa hora e ninguém ouviu a derradeira ordem do general.

A cúpula dos dois países estava reunida, discutindo a cor das lapelas, quando de todos os cantos do Norte e do Sul vieram avisos de que algo inesperado acontecia nas fronteiras. Quem está nu não dialoga, parte para a ação, quem não sabe que é assim que diga, ou melhor, fique calado para não demonstrar inexperiência em assuntos que não nos dizem respeito. Sem aviso ou grito de guerra, uma horda de despudorados, com as armas à mostra, invadia o Sul e o Norte!

– Defenderemos primeiro a pátria ou os bons costumes? – desesperou-se um militar do Norte.

Em pelo sobre os pelos dos cavalos, ou caminhando sem sequer um par de chinelas, como um exército vindo do paraíso avançava a armada estrangeira e dominava já boa parte dos territórios.

– Mandem um mensageiro à casa de minha esposa! – ordenou o general do Sul.

Um diplomata do Norte foi enviado para negociar à trégua com os invasores, mas as vergonhas à mostra são ótimo antídoto contra frases desnecessárias, e assim rolou pela poeira a cabeça do diplomata.

– Corram, dispam-se e se misturem aos invasores! – ordenava agora um oficial do Sul desesperado, antes tão zeloso com o seu uniforme.

E após uma avassaladora caminhada, as tropas invasoras chegavam ao cume do monte, onde, do outro lado, esperavam-nas o que restara do exército do Sul e do Norte. O que se via eram botas pretas, até a altura dos

joelhos, calças e camisas azuis, com o símbolo do Norte ou do Sul, pequenino, bordado nas mangas e chapéus pretos; o já centenário uniforme combatendo ferozmente oponentes que podiam tirar-lhes a vida, ou, se por um acaso inexplicável da alma humana os instintos inimigos naquele instante fossem outros, a honra de soldado viril. E assim, finalmente, o cume do monte assistiu a batalha, iminente há séculos, na qual, quem poderia prever, o uniforme nem importaria e que culminaria com a vitória dos desnudos e uma hegemonia que duraria por milênios; enquanto os corpos, vestidos ou não, se empilhavam no cume do monte, de medo nenhuma pedra se escondeu ou raiz se enterrou. Mas como o céu nesse dia estava coberto de nuvens, é fato que pelo menos algumas delas tinham vindo somente para assistir à tão insólita guerra.